

AIRTON MONTE: O HOMEM E A OBRA SOB O PRISMA DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

Cintya Kelly Barroso Oliveira
Francisca Solange Mendes da Rocha

“Que importa nós, escritores, escrevermos sempre a mesma coisa, diria Kafka. O que muda é o jeito de se arrumar as palavras, de ordenar as fugidias emoções”
(Airton Monte. *O poeta naturista*)

“Eu não sou um. Sou tantos quanto meu coração suporta.”

Antonio Airton Machado Monte veio ao mundo a 16 de maio de 1949, numa madrugada de temporal, entre raios e trovões, no Solar dos Montes, localizado no bairro do Benfica. Porque nasceu com cordão umbilical enlaçando o pescoço feito uma forca, recebeu o Antonio em seu nome para que não corresse o risco de morrer afogado, superstição antiga. Na rua D. Jerônimo nasceu e cresceu, passando a maior parte de sua existência no bairro, com o qual mantinha uma relação quase fraternal. Mesmo quando saiu do Benfica, continuou em suas cercanias: Gentilândia, Otávio Bonfim e Parque Araxá.

Airton Monte foi alfabetizado em casa por sua avó paterna D. Maroca, concluindo o curso primário no Grupo Escolar Roçolfo Teófilo. Recebeu educação marista no Colégio Cearense Sagrado Coração, onde fez o ginásial e as suas primeiras incursões literárias através do Grêmio Estudantil José de Alencar, que à época era responsável pela edição da revista **Verdes Mares**. No Colegial, o então estudante do Colégio Padre Champagnat, ao mesmo tempo em que se preparava para o vestibular, participava do **Clube dos Poetas Cearenses**, cuja direção ficava a cargo de Carneiro Portela. Em 1970, ingressa na Universidade Federal do Ceará no curso de Farmácia, abandonado no ano seguinte quando passou para Medicina no vestibular da mesma instituição, especializando-se em Psiquiatria.

O engajamento no Grupo de Estudos de Psiquiatria e Psicanálise e o estágio nos diversos hospitais psiquiátricos de Fortaleza, – dentre eles o conhecido Mira y Lopes – além do atendimento psiquiátrico no Projeto Acadêmico Pacatuba, ajudaram a ganhar experiência na área. Depois de formado, Dr. Airton trabalhou durante alguns anos na Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, atendendo no Hospital de Saúde Mental de Messejana, mas devido à sua desenvoltura com as letras, foi posteriormente transferido para a Assessoria de Comunicação da mesma Secretaria.

Airton Monte não era um, era muitos, um “monte”: médico psiquiatra de formação, jornalista, cronista, comentarista de rádio, redator de programas de TV, letrista, teatrólogo e essencialmente poeta e contista. Sua vida acadêmica foi movimentada, não só pelos compromissos que o curso de Medicina lhe exigia, mas também porque o futuro médico psiquiatra já se descobrira escritor. Tendo se enveredado também pelo lado musical, no final da década de 1970 dividiu a autoria de várias músicas com amigos, tais como Antonio Luiz Macedo, Paulo Gurgel Carlos da Silva, Antonio José Mendes Fortes e Chico Barreto.

Como literato, efetivamente, iniciou-se publicando contos na revista **Etc.**, editada por Ângela Linhares, Paulo Linhares e Cartaxo de Arruda Jr.. Por seu caráter editorial irreverente e revolucionário, a revista foi duramente censurada e obrigada a fechar as portas no terceiro número. Ainda na década de 1970, Airton Monte passou a ser colaborador de **O Saco**, revista criada por Nilto Maciel, Manoel Raposo Coelho, José Jackson Coelho Sampaio e Carlos Emílio Barreto Correia Lima. Assim como a **Etc.**, **O Saco** também foi alvo de intensa censura do regime militar.

Airton Monte foi, junto com Rogaciano Leite Filho, um dos fundadores do grupo literário **Siriará**, movimento cuja repercussão se deu em 1979. Teve vida curta e deixou como legado a **Revista Siriará**, o **Manifesto Siriará**, o recital **Essa história de poesia** e a publicação de livros de alguns autores pela Editora Moderna. O grupo cresceu muito numericamente e parece não ter se preocupado com a criação de um perfil ideológico de seus participantes. Para Macedo (2001), esse foi o motivo pelo qual o **Siriará** não deixou uma contribuição que fosse considerada significativa como movimento de renovação estética e literária.

No final da década de 1970, Airton Monte publicou o livro de contos **O grande pânico** (1979), seguido de **Homem Não Chora** (1981) e **Alba Sanguínea** (1983), **Os Bailarinos** (2010) e **Queda de Braço**, uma antologia do conto marginal. Participou de algumas coletâneas, como **Os Novos Poetas do Ceará III**, **Antologia da Nova Poesia Cearense**, **Verdeversos** e **10 Contistas Cearenses**. O livro de crônicas escolhidas **Moça com Flor na Boca** foi lançado em 2005 e posteriormente selecionado para integrar a lista de livros do vestibular da UFC. Airton Monte também escreveu o livro de poesias **Memórias de Botequim** (1980), prefaciado pelo médico e escritor Paulo Gurgel e **Rogaciano Leite Filho** (2002), lançado pelas Edições Demócrito Rocha.

Na década de 1980, fez parte do encarte **Pixote**, suplemento multi-temático do **JD**, o **Jornal do Dorian**. Era um tabloide do tipo do **Pasquim** – mas sem a repercussão deste – editado por Neno Cavalcante e Gervásio de Paula. Nele Airton escrevia contos, poesia e ficção, tudo na base da colaboração. Segundo o próprio autor, o **Pixote** foi seu grande aprendizado, pela obrigação de fazer um texto toda semana, o que o ajudou no seu trabalho como cronista.

Airton escreveu crônicas para o **Jornal O Povo** durante quase vinte anos substituindo Rogaciano Leite Filho, falecido em 1992. À época, vários autores se revezaram para substituir Rogaciano na coluna que ele escrevia no jornal. Cada um era responsável por um dia da semana e Airton ficou com o sábado. Depois de seis meses, ele se tornou o único escritor e sua crônica passou a ser diária.

Airton Monte faleceu em Fortaleza em 2012, vítima de um câncer no fígado, deixando órfãos os leitores contumazes de suas crônicas diárias. Quase três anos após sua morte, as Edições Demócrito Rocha lançaram o livro **A primeira esquina**, que reúne 42 crônicas do autor publicadas entre 2003 e 2012 no caderno “Vida e Arte” do jornal **O Povo**.

Os motivos da crônica de Airton Monte

Airton Monte se declarava o ateu mais fajuto que existia, pois era devoto de São Francisco de Assis e carregava consigo um escapulário do santo. Ele admirava “Chiquinho”, como carinhosamente o chamava,

porque considerava Francisco o ser mais revolucionário e cristão que existiu, perfeito para mediar a sua relação com o “homem lá de cima”, como Airton mesmo afirmava. Em uma de suas últimas crônicas, intitulada *Feitio de oração*, diz que em vários momentos o seu ateísmo vacila “como a Torre de Pisa no meio de um terremoto, balança, balança, balança, mas não cai de todo”¹³.

Assim como os pacientes de um psiquiatra não podem ter pudores ao conversar com seu médico, Airton Monte também não os tinha ao escrever seus textos, falando verdadeiramente o que pensava a respeito de qualquer assunto, por mais polêmico que fosse e muitas vezes se deixava transparecer em seus escritos, numa espécie de autobiografia. Na crônica *A imprescindível*, Airton Monte confessa ser dependente das figuras femininas, pois diz que desde menino fora “cercado por mulheres, primogênito, filho do primeiro amor ou do primeiro descuido, tornei-me um inútil irreparável, um doméstico trambolho” (MONTE, 2005, p. 11-12), que de coisas práticas nada sabia, nem mesmo dar nó em gravatas ou trocar lâmpadas, ações quem estão relacionadas ao universo masculino.

As mulheres, a boêmia, os bares por ele frequentados, a cidade onde nasceu e cresceu, são temas recorrentes em suas crônicas. Era em suas incursões pela cidade que buscava inspiração diária, no vai e vem das pessoas e em fatos comuns transformados com ironia e humor sutis em crônicas que eram escritas à mão e passadas a limpo em sua sambada máquina de escrever, depois de um dia de trabalho. Na crônica *A voz das emoções*, o autor diz maltratar as teclas de sua *Underwood*, catando a voz das emoções mais ocultas, emoções estas que perpassavam a alma do cronista; pois para ele, um escritor, por mais que tente esconder-se por trás de metáforas e personagens, sempre está presente com seus mais íntimos segredos naquilo que escreve.

Airton Monte sabia como mostrar a Fortaleza que ele amava em suas crônicas. A cidade aparece travestida de mulher, e Fortaleza é mulher – “Loura Desposada do Sol, que nem loura é, mas morena jambo feito Iracema” – afirma ele. A cidade que abriga o mar, os bares, as mulheres é

¹³ <http://www20.opovo.com.br/app/colunas/airtonmonte/2012/08/07/noticiasairtonmonte,2893804/feitio-de-oracao.shtml>. Acesso em 09/05/2017.

também a cidade que abriga seus sonhos e que ele ama, assim como ama a mulher que escolheu para esposa, sem as quais ele não saberia viver. “Adeus, adeus, só o nome ficou/ Adeus praia de Iracema /Praia dos amores que o mar carregou...” A música de Luiz Assunção retrata o sentimento do cronista em relação a um de seus bairros favoritos. Em uma entrevista para o jornal **O Povo**, ele afirma que

A Praia de Iracema morreu. Eu tive de aprender a conviver com essa Fortaleza. Uma cidade em que vivo com medo, medo por mim, por meus filhos; uma cidade em que não posso me arriscar muito e ir numa esquina, a caminhar pela cidade, coisa que adorava fazer. De dez anos pra cá, passei a viver nessa Fortaleza que ensandeceu, enselvageceu, onde nós perdemos aquilo que era a democracia da gentileza, a democracia do lirismo. Hoje não somos mais próximos, nós somos ilhas. Ilhas de solidão, de desconfiança (MONTE, 2007, s/p).

Esse sentimento de que a cidade lhe é desconhecida, ou mesmo alheia a seus moradores, acaba influenciando o autor, quando a solidão da vida urbana aparece em seus textos. Muitas crônicas têm o próprio Airton como protagonista, visto ora como personagem ou como uma reflexão sobre o ato de escrever, num diálogo metalinguístico com seus leitores. Em *A casa cheia de palavras*, o cronista tece comentários acerca da falta de assunto, da impassividade diante de uma folha em branco. Já em *Licença poética* observa que escrever trata-se fundamentalmente de brincar, mesmo sendo, algumas vezes, um jogo perigoso e arriscado, que pode levar à perda da paz.

Airton Monte dizia que não era modelo para ninguém, pois não tinha cuidado com sua saúde, como se pode comprovar em uma entrevista para as Páginas Azuis do jornal **O Povo**:

Não vou a médico, não sei a quantas vai meu colesterol, minha glicemia. A única coisa que me incomoda, fisicamente, de vez em quando, é a asma, que o cigarrinho corrige, não tem problema. Eu bebo do mesmo jeito que bebia quando era jovem. Como as mesmas coisas que comia. Eu quero ficar velho. Se puder até ver meus netos crescerem eu queria.

Agora, do meu jeito. Não me interessa viver uma vida sem poder sair, sem poder fazer as coisas de que gosto. De clínico geral eu tenho pavor porque você entra lá saudável e sai doente (risos). Tenho muitos amigos médicos, sou da máfia, mas reconheço que não sou exemplo pra ninguém. Se alguém quer viver muito, não siga meu exemplo. Comigo está dando certo. Estou praticamente com 58 anos, com corpo de bailarino espanhol e um fígado de 20 que nunca me deu problema (MONTE, 2007, s/p).

Em *Declaração de Princípios* o autor assume esse seu lado avesso a cuidados com a saúde. Atribui seu desleixo à profissão, sugerindo que médicos são invulneráveis. A possibilidade de ter seus prazeres limitados o impede de consultar um colega médico a fim de ter ciência de seu estado geral de saúde. Enumera seus hábitos gastronômicos e boêmios dos quais não se sente capaz de abrir mão e evidencia uma irracionalidade teimosamente consciente que toma conta de seu ser, de forma controversa, até paradoxal. O usufruto imediatista da existência não tem preço, mesmo que lhe custe o contato com os seus. “Claro que amo a vida, quero viver o maior tempo que me for possível, seria bom ver os netos crescerem, mas só se for do meu jeito. Nasci hedonista, quero morrer hedonista, o resto não importa muito” (MONTE, 2005, p. 92).

Infelizmente Airton não era invulnerável, talvez o seu hedonismo tenha lhe custado uma existência mais curta. Não viu seus netos crescerem, mas viveu intensamente os prazeres que a vida pode lhe proporcionar.

Considerações sobre o ato de escrever

Escrever demanda talento, imaginação e capacidade de lidar com as palavras e de criar personagens à moda do real. Essa atividade é vista sob vários aspectos pelas pessoas em geral e também pelos próprios escritores. Alguns grandes nomes da literatura mundial expressaram as suas impressões sobre o ato de escrever literariamente, a exemplo de Hemingway, Proust, Kafka, Fernando Pessoa, Clarice Lispector e tantos outros. Hemingway, por exemplo, defendia que terminada a leitura de um livro, sentimos que o enredo do objeto lido passa a nos pertencer sob forma do bem e o mal, resultando em êxtase, remorso e mágoa. Para ele, conseguir dar essa

sensação às pessoas é o que afiança um bom escritor (HEMINGWAY, 1934, s/p.). Já Clarice Lispector declarava que era preciso tentar escrever sempre, não esperar um momento melhor porque este simplesmente não vinha. Para ela, vocação é diferente de talento, na medida em que “pode-se ter vocação e não ter talento, isto é, pode-se ser chamado e não saber como ir” (LISPECTOR, 1999, p. 439).

No caso de Airton Monte, as considerações sobre o ato de escrever aparecem em variadas crônicas, como é o caso de *Licença poética; A casa cheia de palavras; O desertor da poesia e Auroras dentro de mim*. O autor declarava que escrever é um ato solitário e não uma arte coletiva. Sobre seu processo criativo, o amigo Carlos Augusto Viana, em texto sobre o escritor, explica:

Airton Monte é dos bons moços, que acha “frescura” essa lenga-lenga de escritor reclamar do ato de escrever. “Escritor tem mania de sacralizar o que escreve, dizer que é doloroso...”, resmunga. É que Airton é de outro naipe de escritores e cronistas, que adoram escrever, mesmo que o tema seja bizarro e triste, quanto as mazelas brasileiras estampadas nos olhos das crianças que perambulam entre esquinas e sinais de trânsito. Aliás, são essas, as mazelas, o que mais toca o cronista (VIANA, 2005, s/p.).

Questionado em entrevista sobre o ofício poético ser proveniente de inspiração ou de trabalho com a linguagem, o escritor cearense explica:

O texto de ficção eu não tenho nenhum prazo para entregar. Então, é uma coisa que eu vou maturando, posso passar três anos refazendo, cortando. Já a crônica é diária. E é um gênero literário (...) a crônica, eu tenho que entregar o texto. (...) Apesar de toda essa anarquia, eu sou muito profissional nas coisas. Então, eu tenho que chegar e escrever. Em termos de inspiração, os textos que você escreve ou saem de parto natural, quando você escreve um conto em dois minutos, ou saem de parto a fórceps, quando você tem que dar uma forçada. E tem dia que só sai na porrada, só vai na cesariana (MONTE, 2007, s/p.).

Para o autor, os textos mais pessoais, escritos sob forte emoção, esses saem em decorrência de inspiração, embora, até mesmo nesses, a

demanda peça cuidados. Em algumas de suas crônicas o cearense se volta para o próprio ato de escrever, questiona o processo de sua criação e declara seu apreço por brincar com as palavras, como em *Licença poética*:

Sim, escrever trata-se fundamentalmente de brincar, embora muitas vezes seja um jogo perigoso, arriscado, que pode nos levar à paz dos precipícios, à bem-aventurança dos infernos que em nós mesmos residem, silenciosos e ocultos sob a pele das palavras ainda não escritas. Por outro lado, num outro texto – “O mar é mulher” – se mostra angustiado por não ter sobre o que escrever. Além de considerações sobre o ato de escrever, em suas crônicas estão presentes questões sobre o “ser poeta”, como ocorre em “O desertor da poesia” (MONTE, 2005, p. 23).

A metalinguagem ou o ato criativo de expressar-se a respeito da própria escrita geralmente é associada a textos ditos modernistas de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, considerados à época um procedimento experimental. Barthes (2003) nomeia esse processo de reflexão do autor sobre a obra que escreve de metaliteratura:

Durante séculos nossos escritores não imaginavam que fosse possível considerar a literatura (a própria palavra é recente) como uma linguagem, submetida, como qualquer outra linguagem, à distinção lógica: a literatura nunca refletia sobre si mesma (às vezes sobre suas figuras, mas nunca sobre seu ser), nunca se dividia em objeto ao mesmo tempo olhante e olhado; em suma, ela falava, mas não se falava. Mais tarde, provavelmente com os primeiros abalos da boa consciência burguesa, a literatura começou a sentir-se dupla: ao mesmo tempo objeto e olhar sobre esse objeto, fala e fala dessa fala, literatura-objeto e metaliteratura (BARTHES, 2003. p. 27-28).

A crônica *Licença poética* é inteiramente metalinguística. Nela, o autor declara-se satisfeito pelo escrever desacorrentado do relógio, dos prazos do editor e livre da falta de assunto e do cansaço, assim como destaca o seu modo de brincar com as palavras. Para ele, escrever é um jogo por meio do qual tenta descobrir o desconhecido na busca da possibilidade de nomeá-lo e entendê-lo, comparando ainda sua escritura a uma mania ou uma forma de entretenimento. Por outro lado, Monte reafirma

que escrever não é trabalhoso, ainda que tenha compromissos profissionais provenientes desse ato. Um outro viés de comparação envereda por aproximar a potência criadora da escrita à sexual, transitando para a reflexão sobre o envolvimento amoroso:

Hoje, não sei por que razão mágica ou dádiva de volúveis musas magnificamente posso escrever e fazer amor até mais tarde como se nada mais me importasse. O papel em branco, reluzente dentro da noite, como o corpo ainda não possuído da mulher que você ama desesperadamente ou da paixão circunstancial que se faz preciso doidamente desfrutar antes que a vida acabe subitamente (MONTE, 2005, p.24).

Para o autor, o prazer de escrever só finda com a falta de liberdade, proveniente das obrigações e ressalta a necessidade da escrita natural com condições livres para sua produção. Afirmo que sua ação de escrever é ritualística e ininteligível: “Apenas me vem uma ideia, um fato, uma imagem, um estalo de juízo e pronto. Sento à máquina de escrever como se fosse a coisa mais natural do mundo” (MONTE, 2005, p.24). A figura do autor é vazia de sacralidade, já que para ele os escritores são indivíduos comuns e destituídos de poder para mudar o mundo. A licença poética que intitula o texto refere-se à essa ilusão de que os escritores são indivíduos capazes de modificar a realidade.

A casa cheia de palavras é uma crônica relativa à solidão do narrador, como tantas outras, mesclando a vida pessoal e o ofício de escrever. Ocorre um relato comparativo entre o escritor no momento da escrita solitária e o que antecede o prazer físico. É uma construção metafórica entre a folha de papel em branco prestes a ser escrita e o corpo nu de mulher o qual o escritor está próximo de possuir, sendo essa mesma imagem também recorrente na crônica *Licença poética*. Num outro momento de *A casa cheia de palavras*, à medida em que teoriza sobre sua escritura, nega o interesse por especulações especificamente teóricas a respeito do ato de escrever. Se acaso escrever é vocação inevitável, de outro lado ele confessa escrever por estar submetido à sobrevivência.

Respondi entediado que isso carecia de importância, importante mesmo era escrever. Teorizar sobre o ato de

escrever não é comigo, nunca foi. Simplesmente, escrevo porque não posso deixar de escrever e para faturar mais uns trocados e garantir o aluguel e a cervejinha das crianças (MONTE, 2005, p. 82).

Em *O desertor da poesia* há uma enumeração de artigos que gerem a constituição de sua vida pessoal. Ali estão arrolados todos os comportamentos e visões de mundo a que se propõe converter. Em outras palavras, é uma lista de 16 artigos irrevogáveis, sob a forma de um texto jurídico, de promessas pessoais a serem cumpridas. É possível perceber, por meio desse texto irônico, sua aversão à composição literária descuidada, à obediência aos bons costumes, às virtudes do “bom-mocismo”, à sisudez dos homens compenetrados e ao moralismo sem medida. O “desertor da poesia” a que o autor se refere consiste na impossibilidade de se produzir poesia quando se leva uma vida longe dos vícios e dos excessos da boemia. Para ele, no fim das contas, uma vida desregrada e entregue aos excessos é o que produz a boa literatura.

Na crônica *Auroras dentro de mim* o autor confessa que compor “é um mal necessário que os poetas contraem ao nascerem. Escrever um poema é feito um grito mudo no meio da noite e que nem grito é, mas puro medo” (MONTE, 2005, p. 97). Airton Monte depõe que as pessoas andam apavoradas com o contágio das emoções alheias e se trancam com medo das palavras. No fim dessa crônica o autor anuncia o lugar que encontra a matéria-prima de seu ofício: “Eu quero mais é ver as coisas do mundo, saber das coisas, pois de onde se espera que nasça um poema, meu amigo? De onde se espera que nasça vida, senão da vida?” (MONTE, 2005, p. 97).

Considerações finais

A crônica monteana varia sobre os mesmos tons e temas: descreve seu amor saudosista por uma Fortaleza que já não existe mais, pelos bares boêmios dos encontros entre amigos, pelas mulheres à beira-mar. A solidão do escritor também é contada, colocando-se como um ser deslocado que escreve em busca de completar-se e que, ao mesmo tempo, necessita estar sozinho para que possa produzir artisticamente. Em meio a isso, seu texto também opta pela metalinguagem ao falar de seu interesse sobre o

ofício de escrever. Do mesmo modo, sua temática permeia a libido e o erotismo, o culto à marginalidade e a crítica ao sistema político e socioeconômico. Airton Monte foi um cidadão literário que produziu sobre sua terra, suas mulheres e seus excessos.

Referências

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CAMPELO, Kilpatrick. “A heterodoxia como matriz temática na cronística de Airton Monte (II)”. **Revista Philologus**, Ano 15, N° 44. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2009.

HEMINGWAY, Ernest. “Escrito de um Velho Jornalista”. In: **Esquire**, 1934.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MACEDO, Dimas. **Literatura e Escritores Cearenses: Crítica imperfeita**. Imprensa Universitária: Fortaleza 2001.

MONTE, Airton. “Duas doses de memória”, in: **O Povo**. 2007. Disponível em: <http://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2007/01/07/noticiasjornalpaginasazuis,660413/duas-doses-de-memoria.shtml>. Acesso em 09/05/2017.

_____. **Moça com flor na boca**. Fortaleza: Edições UFC, 2005.

VIANA, Carlos Augusto. “Crônica para o cantador de sua aldeia”. In: **Cultura – Diário do Nordeste**, 2005.